

»Entrevista | ALEXANDRE COELHO | DOUTOR EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ao fazer a análise do cenário global, o professor, pesquisador da Helsinki Geoeconomics Society e co-chair do Comitê de Pesquisa em estudos da Ásia e do Pacífico da International Political Science Association (IPSA) fala das oportunidades para o país

“Brasil tem o poder da negociação”

» EDLA LULA

O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, embarca nesta semana a Washington, para a primeira conversa oficial com o governo dos Estados Unidos desde o telefonema do presidente Donald Trump a Luiz Inácio Lula da Silva, há uma semana. Ele vai se reunir com o chefe do departamento de Estado, Marco Rubio, na tentativa de destravar o impasse em torno da taxaço de 50% sobre produtos brasileiros que entram nos Estados Unidos. Ele embarca com a autoestima elevada, uma vez que a posi  o dos pinos colocados no tabuleiro geopolítico global coloca o Brasil em uma posi  o vantajosa, na análise de especialistas. A mais recente análise, publicada na última edi  o da revista The Economist, v   o Brasil como vencedor na guerra tarifária entre Trump e a China. Nesta entrevista ao **Correio Braziliense**, o especialista em rela  es internacionais, Alexandre Coelho, adverte, no entanto, que não será uma conversa fácil. Na semana passada, em palestra no 26   Congresso do Instituto Brasileiro de Governança Corporativo (Ibgc), ele encerrou a sua fala citando a frase “Ser inimigo dos Estados Unidos    perigoso, mas ser amigo    fatal”, do filosofo Henry Kissinger, ao alertar sobre os perigos da “química” mencionada por Trump sobre Lula. Nesta entrevista, ele explica o porquê da cautela. “O Brasil tem vantagem em áreas específicas, mas não controla o jogo. O equilíbrio inteligente entre os dois polos    o que pode manter o país na mesa de negocia  o”, comenta Coelho, citando ainda o perfil “volátil” de Trump e a oposi  o de Rubio ao governo brasileiro.

O senhor encerrou sua palestra no congresso do Ibgc citando a frase do Kissinger sobre o perigo de ser amigo dos EUA. Considerando a figura de Donald Trump, e seu lema “América em Primeiro Lugar”, quais são os riscos?

A frase reflete uma realidade recorrente: os Estados Unidos agem de acordo com seus próprios interesses estratégicos, mesmo que isso implique prej  zos a aliados. Sob Donald Trump, essa lógica se intensifica, pois a política externa volta a ser tratada de forma transaccional, baseada em ganhos imediatos e não em compromissos duradouros. Em um cenário assim, até parceiros históricos podem ser tratados como adversários quando deixam de servir aos objetivos de Washington.

Um exemplo claro    a fissura crescente na aliança transatlântica entre os Estados Unidos e a Europa. Divergências sobre financiamento da OTAN, políticas comerciais e san  es    Rússia evidenciam que o elo de confiança que sustentou o Ocidente desde o pós-guerra está enfraquecido. Essa tensão mostra que nem mesmo os aliados mais antigos estão imunes    volatilidade da política americana.

O risco, portanto, está na dependência excessiva. A amizade com os Estados Unidos pode ser benéfica enquanto houver convergência de interesses, mas torna-se perigosa quando há mudança de prioridades. O desafio para países como o Brasil    dialogar com Washington sem subordina  o, buscando coopera  o pragmática, mas sempre preservando autonomia e capacidade de decisão própria.

Que cuidados o Brasil deve ter nas negocia  es do tarifaço, que se iniciam agora, de maneira mais direta e objetiva?

Não    simples estabelecer critérios para um acordo dessa natureza. Trata-se de um tema complexo nas rela  es entre Brasil e Estados Unidos, pois envolve não apenas um líder volátil como Donald Trump, mas também um secretário de Estado, Marco Rubio, crítico a governos de perfil progressista, como o atual brasileiro. Essa combina  o traz uma dimensão ideológica às negocia  es e pode dificultar a constru  o de confiança política. Por isso, o Brasil precisa manter uma postura técnica e pragmática, conduzindo o diálogo com serenidade e foco em resultados concretos, evitando qualquer personaliza  o ou disputa de narrativas.

O principal cuidado    compreender que



Rubio deverá seguir as orienta  es diretas do presidente Trump, cujo objetivo    celebrar um acordo com o Brasil que possa ser apresentado internamente como uma vitória política e econ  mica

a política comercial norte-americana, neste momento,    guiada por interesses eleitorais e por uma necessidade de apresentar vitórias políticas ao eleitorado interno. Trump usa acordos internacionais como instrumentos de visibilidade, buscando mostr  -los como conquistas que fortalecem a economia e o trabalhador americano. Assim, o Brasil deve formular uma proposta que também gere benefícios visíveis aos Estados Unidos — como amplia  o de importa  es em setores que criem empregos em estados-chave —, mas que assegure reciprocidade. Toda concessão deve vir acompanhada de contrapartidas, como maior acesso ao mercado americano para carnes, etanol e café, garantindo que o acordo seja equilibrado e sustentável.

Por fim, o Brasil deve conduzir as negocia  es com total autonomia, sem depender de alianças externas, num contexto global marcado por divisões políticas e pela ausência de coordena  o regional. Cada decisão precisa ser tomada com base no interesse nacional, tentando assegurar visibilidade jurídica e estabilidade comercial.

Sabendo do interesse americano no que se refere    big techs e aos minerais críticos, o que o Brasil pode colocar na mesa de negocia  o?

O Brasil pode negociar a partir da força de dois ativos: seus recursos naturais e seu mercado digital.

No caso dos minerais críticos — como terras raras, n  bio e lítio —, o país deve condicionar qualquer acordo    instala  o de plantas de refino e de transforma  o no próprio território, para gerar emprego e tecnologia local.

No setor digital, o Brasil pode propor coopera  o tecnológica, mas com cláusulas claras de prote  o de dados, transferência de conhecimento e uso soberano das informa  es. O país precisa mostrar que quer parcerias, não dependências.

A China também busca parcerias com o Brasil para investimentos nas terras raras. Como o senhor v   essa disputa e quais os cuidados, em termos de soberania, o Brasil deve tomar?

A disputa entre Estados Unidos e China pelas terras raras    parte central da nova economia global. O Brasil tem grandes reservas e, portanto, um poder de negocia  o que poucos países possuem.

O cuidado essencial    não repetir o modelo de explora  o primária.    preciso garantir que o país não exporte apenas o minério bruto, mas desenvolva senão toda, parte da cadeia produtiva — da extra  o ao refino, no mínimo, com potencial para transferência tecnológica.

Outro ponto    diversificar as parcerias. O Brasil deve trabalhar com diferentes países e blocos — Europa, Japão, Coreia,   ndia — para não ficar refém de nenhum dos dois grandes polos de poder. Assim, protege sua soberania e maximiza seus ganhos.

   sabido que a “química” citada por Trump em rela  o a Lula tem forte rela  o com a pressão de vários importadores americanos — carne e café, por exemplo. No balanço, até o

acervo pessal



Os EUA agem de acordo com seus próprios interesses estratégicos, mesmo que isso implique prej  zos a aliados. Sob Donald Trump, essa lógica se intensifica, pois a política externa volta a ser baseada em ganhos imediatos e não em compromissos duradouros

momento,    possível dizer que os EUA perderam mais que o Brasil, ou seja, o Brasil tem as cartas nas mãos?

O Brasil se beneficiou das tensões entre Estados Unidos e China, especialmente no setor agrícola. O país ampliou suas exporta  es de soja, por exemplo, tornando-se fornecedor prioritário para o mercado chinês. Nesse sentido, o balanço poder ser favorável ao Brasil.

Mas    importante lembrar que esse poder de barganha    setorial. No campo tecnológico e financeiro, os Estados Unidos ainda exercem uma influência enorme. Portanto, o Brasil tem vantagem em áreas específicas, mas não controla o jogo. O equilíbrio inteligente entre os dois polos    o que pode manter o país na mesa de negocia  o.

O que podemos esperar de Marco Rubio como o principal negociador pelo lado dos Estados Unidos?

Marco Rubio    um dos nomes mais ideológicos da política americana atual. Sua trajetória    marcada por uma postura dura em temas de segurança e por um discurso crítico a governos de perfil progressista, especialmente na América Latina. Essa característica tende a tornar suas posi  es iniciais mais rígidas, sobretudo em questões que envolvam China e tecnologia.

Apesar desse viés, Rubio deverá seguir as orienta  es diretas do presidente Trump, cujo objetivo    celebrar um acordo com o Brasil que possa ser apresentado internamente como uma vitória política e econ  mica. Portanto, ainda que adote um tom firme e procure limitar a aproxima  o brasileira com Pequim, Rubio tem interesse em chegar a um entendimento — desde que possa mostrar aos eleitores americanos que obteve ganhos concretos para os Estados Unidos.

Para o Brasil, isso exige uma postura pragmática e equilibrada. O país deve reafirmar que sua coopera  o com a China tem caráter essencialmente econ  mico e não político, evitando confrontos desnecessários. Ao mesmo tempo, precisa demonstrar disposi  o em ampliar o comércio e os investimentos com os Estados Unidos, sem ren  nciar    autonomia nas suas escolhas externas. O êxito do diálogo com Rubio dependerá dessa combina  o de firmeza diplomática e pragmatismo.

Como o senhor enxerga o potencial do Brasil para se tornar um ator global mais influente e quais mudanças estratégicas são necessárias?

Falta ao Brasil uma estratégia de longo prazo que v   além de ciclos de governo. O país precisa transformar sua política externa em uma política de Estado, baseada em continuidade, visão estratégica e investimento em capital humano e tecnológico. Somente assim poderá sustentar uma presença global consistente e menos vulnerável às mudanças de orienta  o política interna.

O Brasil tem condi  es de ampliar sua influência internacional ao atuar de forma propositiva nas agendas que definem o futuro do sistema internacional — clima, segurança alimentar e energética. Em vez de reagir a crises, deve ocupar o papel de mediador confiável e de articulador de consensos, oferecendo solu  es práticas e sustentáveis.    nessa capacidade de construir pontes e propor respostas globais que reside o verdadeiro poder de influência do país no século XXI.

O senhor citou, em sua palestra, a expansão do yuan no mundo e o propósito chinês de enfraquecer o dólar como moeda padrão. O Brics também tem defendido as transa  es em moeda local. Quando o senhor vislumbra que essa mudança ocorra e que impacto terá na economia global?

Essa mudança será gradual, n   imediata. O dólar continuará sendo a principal moeda internacional por muitos anos, mas a tendência    de diversifica  o.

O aumento das transa  es em moedas locais, como o real e o yuan, reduz custos e dependência cambial, especialmente entre países do Sul Global. Isso também diminui o poder de san  o dos Estados Unidos, que usam o sistema financeiro internacional como instrumento de pressão política.

No longo prazo, entendo que veremos um sistema mais fragmentado, com várias moedas convivendo, sem que nenhuma substitua completamente o dólar.

Trump anunciou o fim da Guerra em Gaza. O senhor acredita?

Não se trata propriamente do fim da guerra, mas da tentativa de implanta  o da primeira fase de um acordo ainda em constru  o. Neste momento, o plano está centrado no cessar-fogo e na troca de reféns israelenses por prisioneiros palestinos, prevista para ocorrer nesta segunda-feira.    um passo importante, mas extremamente delicado: qualquer erro de cálculo — um ataque isolado ou um bombardeio — pode colocar todo o processo a perder.

Ainda assim,    uma das melhores notícias em muito tempo, talvez desde os Acordos de Oslo. O avanço recente só foi possível graças    atua  o conjunta de diversos países   rabes e potências europeias, como Alemanha, França e Reino Unido, com o Egito e o Qatar atuando como mediadores e fiadores, ao lado dos Estados Unidos. O Brasil também manifestou apoio formal ao acordo, reforçando sua posi  o de defensor do diálogo multilateral e da soluço

pacífica de conflitos.

Apesar disso,    preciso manter cautela. O Hamas ainda não deu sinais claros de que aceitar   se desarmar, e o governo de Benjamin Netanyahu não reconheceu de forma expressa a cria  o de um Estado palestino, condicionando essa possibilidade a exigências complexas. Portanto, mais do que acreditar ou duvidar, o momento    de acompanhar com aten  o. O cessar-fogo    um avanço, mas a paz — entendida como estabilidade política e reconhecimento mútuo — ainda depende de compromissos que estão longe de se consolidar.

E em rela  o aos demais conflitos vividos no mundo, em especial a Ucrânia, quais são as suas perspectivas?

A guerra na Ucrânia está num impasse. Nenhum dos lados tem força suficiente para alcançar uma vitória militar definitiva, e ambos enfrentam esgotamento econ  mico.

O cenário mais provável    de um conflito prolongado, com avanços pontuais e eventuais acordos de cessar-fogo temporários. A Europa está dividida sobre como lidar com o desgaste, e os Estados Unidos já mostram sinais de fadiga em seu apoio.

A paz ainda    distante, e o risco de congelamento do conflito — com fronteiras indefinidas —    cada vez maior.

O senhor também abriu a sua palestra falando que não se trata de que haja “uma sensa  o de instabilidade, mas os números mostram que, de fato, estamos vivendo um momento de instabilidade”. O que dizem os números?

Os dados mostram uma realidade preocupante. O número de guerras e de mortes por conflitos armados atingiu o maior patamar em mais de duas décadas.

Além disso, o comércio internacional vive um processo de fragmenta  o: aumento de tarifas, san  es, controles de exporta  o e guerras tecnológicas. A confiança nas institui  es multilaterais também está em queda.

Tudo isso indica que não estamos diante de uma percep  o subjetiva de instabilidade. Os números comprovam que o mundo vive, de fato, o período mais tenso desde o fim da Guerra Fria.



Falta ao Brasil uma estratégia de longo prazo que v   além de ciclos de governo. O país precisa transformar sua política externa em uma política de Estado